
PHAO5 - 2008
(8) - pp. 155-157

HOWELL, PETER. *MARTIAL* (ANCIENTS IN ACTION). LONDON: BRISTOL CLASSICAL, 2009.

A coleção *Ancients in Action*, da Bristol Classical, já há vários anos no mercado, parece ter-se consolidado em seu nicho, oferecendo, segundo os editores, “short incisive books” com o objetivo de apresentar grandes personalidades do mundo antigo aos leitores em geral – normalmente, autores, mas há também espaço na coleção para figuras históricas, como Cleópatra e Aníbal, este último a ser contemplado com um volume em 2010.

Talvez seja justamente o formato da coleção o responsável por algumas irregularidades no mais recente volume, *Martial*. O autor convidado para este volume é um conhecido especialista no assunto: responsável por dois livros e uma série de artigos sobre Marcial, Peter Howell foi inquestionavelmente uma excelente escolha dos editores. Entretanto, o formato “vida-obra-temas” característico da coleção parece ter levado Howell a algumas escolhas difíceis, às quais voltaremos mais adiante. Gostaríamos porém de começar ressaltando os muitos bons aspectos no livro.

O tratamento do tema, no caso, a obra de Marcial, de maneira concisa e objetiva, mas sem abrir mão de elementos importantes para o especialista (tais como a citação dos textos no original latino e em tradução) faz com que o livro seja ideal como introdução ao assunto para alunos das Letras Clássicas e alunos e professores de outras áreas que desejem conhecer o autor sem necessariamente aprofundar-se no texto original. O capítulo 2, em que Howell traça a história do epigrama, da Grécia à classificação de Lessing, é sucinta e informativa, na medida como apresentação do assunto, deixando ao leitor interessado sugestões de outras leituras - tanto no próprio capítulo 2 como no epílogo intitulado “Further Reading”, outra boa realização do autor. O capítulo final, “Martial and Posterity”, é uma interessante e proveitosa viagem pela literatura européia; Howell traça as linhas de influência de Marcial na literatura italiana, espanhola, francesa e, principalmente, é claro, inglesa. Se faz-nos falta, como lusófonos, ver a descendência de Marcial em Portugal e no Brasil – e ela sem dúvida existe – não se põe tal ausência como falha do autor, que se esmerou em mostrar a recepção de Marcial no espaço e no tempo, mas simplesmente como complementação necessária a se fazer pelos pesquisadores de língua portuguesa.

O capítulo 5 é outro em que é oferecida a quantidade ideal de informação para um leitor iniciante, sem deixar de lado a precisão. O capítulo trata do tema pelo qual Marcial foi valorizado durante muito tempo: seus retratos do cotidiano da Roma Imperial. Segundo Howell: “Even in the nineteenth century, when Martial was regarded as a trivial and rather disgusting writer, he was acknowledged to throw a brilliant light on Roman social life” (p.73). O capítulo apresenta as principais figuras que passeiam pelos versos de Marcial, como os médicos, os advogados, os professores, entre outros, e os locais que suas personagens frequentam, como os banhos e os jantares, exemplificando, com poemas ou trechos de poemas, de forma consistente mas não excessiva. Como fecho de ouro, Howell confronta os retratos que Marcial faz de Roma com os de seu contemporâneo Juvenal, comparação feita há muito pela tradição, normalmente em prejuízo do primeiro, mas que encontra em Howell um analista mais equilibrado.

De fato, esta é uma tônica constante do livro. Howell é cuidadoso em constantemente desconstruir os ataques mais comuns feitos à obra de Marcial: a vulgaridade e obscenidade, a adulação excessiva a Domiciano, em contraste com os ataques ao mesmo após sua morte, entre outros. Neste ponto, Howell é bastante contundente, oferecendo sempre uma boa quantidade de textos, de Marcial ou de outros autores antigos, que corroborem suas afirmações.

No entanto, não podemos deixar de notar que, em alguns trechos, a leitura desta obra precisará ser complementada com outras. Em certos momentos, provavelmente por tentar resumir a grande quantidade de elementos a serem abordados, o resultado não é suficientemente informativo nem para o leitor iniciante, nem para o especialista, tal como no capítulo 6, “Martial and patronage”. O patronato, um tema de destaque nos estudos clássicos as últimas décadas, é sem dúvida difícil de ser abordado em poucas linhas. No entanto, o autor parece não ter optado por atender ao leitor leigo - como tenta fazer nas páginas 94 e 95, enfatizando que as noções de *amizade* e *patronato* eram diferentes das que compreendemos modernamente, mas sem se aprofundar nos diversos modelos teóricos existentes atualmente para explicar aqueles fenômenos - ou ao leitor especializado - como na página 96, em que Howell traz Horácio à baila para tentar, em uma citação de quase página inteira, explicar a posição do *cliens*. No fim do capítulo, o leitor leigo teve informações demais, e o leitor especializado sente falta de detalhes mais específicos.

Por fim, a única reserva que acreditamos que se possa fazer em relação à obra seria quanto à teorização biografizante que o autor por vezes constrói a partir da obra de Marcial: Howell contradiz não só a fortuna crítica, que desde a década de noventa, em especial desde o já clássico artigo de Don Fowler¹ em 1995, busca ver em Marcial o construto poético de Marcial, e não o espelho da vida de um homem, ou de uma sociedade, ou de uma época; mas também algumas afirmações presentes no próprio corpo do texto. Já no capítulo 1, Howell afirma que “care is needed as the first person singular may be the authorial use, rather than personal”; novamente na página 14,

quanto às razões que Marcial oferece para sua escolha em escrever apenas epigramas: “Some are not to be taken too seriously”; mais tarde, na página 21, Howell volta a negar que os poemas de Marcial devam ser sempre lidos como verdadeiros; na página 73: “It would be a mistake always to take them [os epigramas] at face value”; e, como estes, vários outros exemplos podem ser colhidos à vontade no texto. No entanto, em alguns outros trechos, Howell parece cair na armadilha (em que tantos outros também caíram) exatamente de tomar o que Marcial escreve como base para afirmações sobre o mundo extraliterário. Por exemplo, na página 22, Howell diz “It is clear that Martial by this time had mixed feelings about the city”; na página 29, ele é “surely affectionately humorous”; na página 32, “he liked nothing so much as a quiet and sociable life, enjoying the sights, the gossip and the luxury of Rome”; e como estes, muitos outros comentários sobre Marcial parecem de fato tomar os epigramas como verdades acerca do homem e da sociedade. Ao tratar dos temas preferidos de Marcial, o autor novamente parece um pouco indeciso. O autor afirma, por exemplo, ao comentar os poemas em que Marcial satiriza as mulheres velhas: “It would be a waste of time try to find the evidence for this as a contemporary phenomenon, as the topic was a stock one, going back to Greek and Old Comedy” (p.74); já os ataques aos médicos por alguma razão são genuínos: “A genuine cause for complaint may underline his attacks on the incompetence of doctors, although they too were a popular subject in comedy and satirical epigram” (p. 74).

Como referido no início, talvez o modelo a que este livro, como parte de uma coleção, devia submeter-se, causou estes pequenos deslizes; no entanto, com este *caveat* em mente, o livro certamente será de grande utilidade para os Estudos Clássicos. A coleção *Ancients in Action* vem suprir a falta de obras curtas e acessíveis sobre autores antigos e, se esta iniciativa pode ser considerada não tão proveitosa quando trata de autores como Ovídio (contemplado na coleção com dois volumes) e Vergílio, ao analisar outros, como Marcial, que só recentemente têm ganhado atenção da crítica especializada, torna-se ferramenta útil e valiosa.

Leni Ribeiro Leite (UFES)